



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 10, v. 1 nov.2018-abr. 2019

p. 72-84.

# O caso de Dandara dos Santos: sobre a violência e o corpo dissidente

George Souza de Melo<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto coloca em análise a violência contra travestis e transexuais, a partir da mescla de vieses históricos, filosóficos e a realidade brasileira. Fundamentalmente, faz uso de contribuições teóricas, tais como: o corpo enquanto instrumento do dispositivo de biopoder; violência ética; transexualidade. Estas categorias representam um aporte fundamental para a compreensão da transexualidade, sua história e realidade na vida social. No entanto, para uma relação direta com a realidade, foram utilizados os relatos sobre a trágica experiência do assassinato de Dandara do Santos, travesti cearense, brutalmente executado [o assassinato] num bairro da periferia de Fortaleza, capital do estado. A relação entre esses dois campos de análise possibilita uma elucidação teórico-filosófica do tipo de violência que faz do Brasil o país que mais mata pessoas transexuais e travestis do mundo. O trabalho, desta forma, objetivou desenvolver uma contribuição de fundamentação que leve à consciência da relação intrínseca entre teoria e prática como um importante e necessário elo entre a universidade e o ativismo social.

**PALAVRAS-CHAVE:** violência; travestis; transexuais; corpo.

**Abstract:** This text analyzes violence against *travestis* and transsexuals, based on the mix of historical, philosophical biases and Brazilian reality. Fundamentally, it makes use of theoretical contributions, such as: the body as an instrument of the biopower device; ethical violence; transsexuality. These categories represent a fundamental contribution to the understanding of transsexuality, its history and reality in social life. However, for a direct relationship with reality, reports were used on the tragic experience of the murder of Dandara do Santos, a *travesti* from the state of Ceará, brutally executed in a neighborhood on the outskirts of Fortaleza, the state capital. The relationship between these two fields of analysis enables a theoretical-philosophical elucidation of the type of violence that makes Brazil the country kills transsexuals and *travestis* in the world. The aim of this work was to develop a contribution of foundation that leads to the awareness of the intrinsic relation between theory and practice as an important and necessary link between university and social activism.

**Keywords:** violence; *travestis*; transsexuals; body.

**Resumen:** Este texto pone en análisis la violencia contra travestis y transexuales, a partir de la mezcla de sesgos históricos, filosóficos y la realidad brasileña. Fundamentalmente, hace uso de contribuciones teóricas, tales como: el cuerpo como instrumento del dispositivo de biopoder; violencia ética; transexualidad. Estas categorías representan un aporte fundamental para la comprensión de la transexualidad, su historia y realidad en la vida social. Sin embargo, para una relación directa con la realidad, se utilizaron los relatos sobre la trágica experiencia del asesinato de Dandara del Santos, travesti cearense, brutalmente ejecutado [el asesinato] en un barrio de la periferia de Fortaleza, capital del estado. La relación entre estos dos campos de análisis possibilita una elucidación teórico-filosófica del tipo de violencia que hace de Brasil el país que más mata a personas transexuales y travestis del mundo. El trabajo, de esta forma, objetivó desarrollar una contribución de fundamentación que lleve a la conciencia la relación intrínseca entre teoría y práctica como un importante y necesario eslabón entre la universidad y el activismo social.

**Palabras clave:** la violencia; travestis; transexuales; cuerpo.

---

<sup>1</sup> Possui Bacharelado e Licenciatura em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: georgedelosdb@gmail.com

Recebido em 28/08/18

Aceito em 16/10/18

Perdi-me do nome [...] vesti-me de sonhos [...] com sedas matei, com ferros morri.  
Pedro Abrunhosa - *Balada de Gisberta*

## 1. Introdução

Este artigo analisa a questão da violência contra travestis e transexuais, utilizando-se de um viés histórico e filosófico de fundamentação e de uma relação prática efetiva com a realidade brasileira. Em termos teóricos, transita pelas contribuições de reflexões como: o corpo enquanto instrumento do dispositivo de biopoder (Michel Foucault); violência ética (Judith Butler); transexualidade (Berenice Bento). Para uma relação direta com a realidade e, como motor propulsor de nossa pesquisa, foram utilizados os relatos sobre a trágica experiência do assassinato de Dandara do Santos (42 anos), travesti, brutalmente executado [o assassinato] num bairro da periferia de Fortaleza, no Ceará.

A escolha dessa triste experiência tem um caráter fundamentalmente simbólico, e serve para remontarmos a tantos outros episódios, igualmente tristes, que anualmente marcam a realidade brasileira como a mais transfóbica<sup>2</sup> (em quantidade de assassinatos de pessoas transexuais e travestis) do mundo. Foi analisado, num primeiro momento, esse episódio, a partir do que foi amplamente noticiado pela mídia *online* e televisiva, e pelas redes sociais. Pretendeu-se, com isso, dar a conhecer objetivamente o caso, ao mesmo tempo em que o situou na realidade brasileira como um todo.

Em seguida, o artigo se desenvolve por mais dois pontos importantes, a saber: O desafio transexual; A violência do corpo. No segundo momento, foi feita uma breve consideração histórica acerca do fenômeno transexual, a partir das contribuições de Berenice Bento, importante referência na área, e outras/os pesquisadoras/es. Com isso, é possível entender como se constitui historicamente e o que é o dispositivo da transexualidade, responsável por grande parte do saber sobre a questão, do último século até hoje. Nesse sentido, foi evidenciado o caráter patologizante desse dispositivo e suas consequências diretas para as existências trans.

No terceiro momento, foi desenvolvida, com o auxílio teórico de Michel Foucault e Judith Butler, uma importante relação entre o corpo como instrumento do dispositivo de biopoder e a

---

<sup>2</sup> Relativo à transfobia. Segundo Jaqueline G. de Jesus (2012, p. 7), “tem sido utilizado o termo ‘transfobia’ para se referir a preconceitos e discriminações sofridos pelas pessoas transgênero, de forma geral”.



violência ética na interpelação. Relação essa que se apresenta como fundamental para o entendimento acerca do mecanismo que gera a violência e a abjeção daquelas/es que são interpretadas/os como dissidentes das normas oficiais de gênero. Neste ponto, foi trazido à cena novamente o caso de Dandara, de modo a retirar dessa experiência interpretações desafiadoras e incômodas.

Os esforços deste trabalho são dedicados à memória de Dandara dos Santos e de tantas/os outras/os transexuais que sofreram/sofrem todos os dias as dores da transfobia. Que seja uma leitura instigante!

## 2. O caso de Dandara dos Santos

Aos quinze dias de fevereiro de 2017, no Bairro Bom Jardim, em Fortaleza – CE, um grupo de jovens protagonizou um dos mais brutais crimes contra transexuais no Brasil, divulgado nos últimos anos. Torturaram a gritos, ofensas, pauladas, chutes, chineladas e pedradas, e assassinaram a tiros a travesti Dandara dos Santos que tinha 42 anos de idade. Tudo isso ficou conhecido duas semanas depois quando do compartilhamento na internet de um vídeo gravado por um dos agressores, expondo a tragédia, que logo obteve inúmeras visualizações, sendo divulgado nas redes sociais e ganhando repercussão nacional<sup>3</sup>.

Não é emocionalmente fácil e, muito menos prazeroso, assistir ao vídeo. Nele, está explícita, sem edições estético-artísticas, a cruel realidade da violência pela qual passam muitas/os transexuais e travestis no Brasil. São cenas realmente chocantes, gravadas e certamente divulgadas pelos próprios algozes, atos pelos quais é possível supor que, para eles, tamanha barbárie pode ser tomada como uma espécie de comprovação de poder e/ou um prêmio conquistado. As imagens expõem tanto a violência perpetrada pelas pessoas envolvidas quanto a do Estado que, por não dispor de políticas públicas eficazes de reconhecimento cidadão e proteção da população trans<sup>4</sup>, contribui para a existência de tanta intolerância e crueldade.

Segundo relatos de algumas testemunhas que presenciaram os últimos momentos de vida de Dandara, ela havia tomado uma carona de um rapaz que estava numa motocicleta, com o qual,

---

<sup>3</sup> Após as referências deste artigo, dispomos de referências de alguns portais eletrônicos que relataram o caso Dandara.

<sup>4</sup> Aqui, junto a Aimar Suess (2010, p. 29), entendemos “trans” como um termo “guarda-chuva” que abarca “todas as pessoas que elegeram uma identidade ou expressão de gênero diferente da atribuída ao nascer, incluindo pessoas transexuais, transgêneros, travestis, *cross dressers*, não gêneros, multigêneros, de gênero fluído, gênero *queer* e outras autodenominações relacionadas”.



supostamente, iria ter relações sexuais. Pelo vídeo divulgado, é possível vê-la sendo torturada na rua Manoel Galdino, numa quadra conhecida como Conjunto Palmares. Nas cenas, a vítima é vista sentada no chão, já bastante ensanguentada, enquanto são desferidos chutes, pauladas e xingamentos pelos rapazes envolvidos. Depois de bastante violência, os rapazes ordenam a Dandara que suba num carro de mão e ela bastante debilitada, quase sucumbindo, não consegue se levantar. Com isso, eles rispidamente a jogam sobre o carro de mão e a levam em direção a uma viela, no final da rua, na qual seria, enfim, assassinada a tiros no rosto. Todo esse massacre foi presenciado por vários moradores daquela região, na tarde do dia quinze de fevereiro, que, segundo relatam em algumas reportagens, pouco puderam fazer para impedir o crime e, quando tentaram, não obtiveram uma resposta rápida e necessária da polícia militar. Com isso, Dandara foi morta. Tragicamente morta.

Segundo dados do relatório *Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017*, organizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), apesar da subnotificação comum desses dados de violência, no ano de 2017, ocorreram, pelo menos, 179 assassinatos de pessoas trans, sendo 169 travestis e mulheres transexuais e 10 homens trans. Essas pessoas, geralmente, são espancadas na rua e/ou assassinadas cruelmente, assim como aconteceu no caso de Dandara. Porém, esse número, como pela citação de suas fontes, certamente não reflete à realidade total dos casos acontecidos no país, já que não é possível encontrar nos boletins de ocorrência indicadores que se baseiem na orientação sexual e na identidade de gênero. O que faz com que a real motivação dessas barbáries, a transfobia, não seja notificada enquanto tal e seja colocada na lista de outros crimes violentos. O caso de Dandara, segundo notícia da BBC Brasil<sup>5</sup>, é notificado como dizendo respeito a Antônio Cleilson Ferreira de Vasconcelos, seu nome de registro de nascimento.

Isso reitera o que já citamos acima como uma violência que também é institucional. O não reconhecimento dessas pessoas por parte do Estado violenta suas identidades e contribui para que elas não existam no sistema de vida social e para que sejam marginalizadas e relegadas às piores condições de vida, como se não necessitassem de proteção e valorização. Dandara, dessa forma, foi torturada por vários lados: por aqueles que lhe batiam e não hesitavam em ver seu sangue jorrar; pelos/as espectadores/as que, por várias razões, agiram por omissão diante do massacre; e pelo Estado que não a reconhecia em sua particularidade e que, até para lhe socorrer no momento mais necessário, foi ineficiente. Todos/as a violentaram de alguma forma e ninguém foi capaz de responder ao seu clamor de ajuda. E é por isso que a sua voz frágil chamando por sua mãe, pedindo ajuda, continua

---

<sup>5</sup> Ver referência ao final deste trabalho.



certamente a soar de forma incômoda naqueles/as que viram o vídeo e/ou presenciaram o fato, fazendo-os/as repensar seus preconceitos e violências e agir sobre isso. Assim como nos afetamos e nos esforçamos para escrever este trabalho.

### 3. O desafio transexual<sup>6</sup>

A/o transexual desafia as convenções tradicionais e costumeiras de gênero. “Dizer” e/ou “ler” a experiência transexual não é uma tarefa das mais fáceis. Aliás, a transexualidade parece muito mais vinculada à ineficiência normativa do que ao exercício analítico comum de fixação de papéis sociais. A tentativa analítica de dominar o conhecimento da transexualidade corresponde ao que Bento (2006) chama de “dispositivo da transexualidade”, à guisa do que foi identificado por Foucault (2017) como “dispositivo da sexualidade”<sup>7</sup>. Estes são, assim, conjuntos discursivos ou grandes narrativas construídas por ditos e não ditos acerca das sexualidades, com o objetivo de determinar o que deve ser inteligivelmente viável no que diz respeito à questão posta. Ou seja, são os dispositivos que definem o que deve ser socialmente aceito e inteligível.

Historicamente, em relação à transexualidade, esse dispositivo se compôs predominantemente por discursos médicos e psiquiátricos que obstinaram-se (e obstinam-se) a determinar um caráter patológico para essas experiências, e a desenvolver seus possíveis tratamentos, apesar de já encontrarmos mudanças significativas em algumas determinações institucionais da saúde e da justiça. É no início do século XX que podemos identificar as primeiras leituras médicas do que se chamava de “transexualpsíquico”, pelo sexólogo Magnus Hirschfeld, mas é principalmente a partir da segunda metade daquele século que se intensificam os interesses médico-científicos em torno da transexualidade (BENTO, 2006). Foi com o artigo do sexólogo David Cauldwell sobre a “transmutação” do feminino para o masculino que o termo voltou a ser utilizado e a ser explorado pela literatura médica (SCHILT, 2009, p. 859). Seguiram-se, disso, estudos médicos e de saúde mental que se revezavam e conflitavam entre si em busca das verdadeiras descrições e tratamentos acerca da transexualidade. Cada um deles - e aqui podemos citar os trabalhos do endocrinologista Harry

---

<sup>6</sup> Continuamos a considerar o termo ‘transexual’ relacionado à população trans tal como entendida por Aimar Sues (2010), conforme explicitado na quarta nota deste artigo.

<sup>7</sup> Segundo o Foucault (1979, p. 244), o dispositivo é “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos”. E entende também o dispositivo “como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1979, p. 244).



Benjamin, do professor John Money, de Norman Fisk, Donal Laub e do psicanalista Robert Stoller - procurou estudar o fenômeno da transexualidade, ao mesmo tempo em que, a seu modo, contribuía para a produção do dispositivo que legitima e estabelece parâmetros para se identificar o que seria a/o “verdadeira/o” transexual (ÁVILA E GROSSI, 2010; BENTO, 2006).

Esse dispositivo determinou a transexualidade com um caráter radicalmente patológico e proporcionou a criação de variadas técnicas e exames que fossem capazes de tratar e “corrigir” as pessoas que apresentassem essa questão. Estabeleceu-se, portanto, um aparato diagnóstico (por vezes, pouco objetivo) responsável por viabilizar a confirmação da transexualidade numa pessoa ou não, que, mesmo com mudanças jurídicas que viabilizam a autodeterminação transexual e/ou travesti, continua a reverberar na consideração dessas pessoas socialmente. Essa imposição científica foi decisiva para que qualquer transexual que precisasse ser reconhecida/o como tal, em termos civis de documentação, e/ou deseje realizar uma cirurgia de transgenitalização no Brasil, precisava (e precisa, no caso das cirurgia de redesignação de sexo) passar por um série de entrevistas, exames e laudos de um grupo de médicos e profissionais de saúde mental que confirmassem o que se designava como “disforia de gênero”<sup>8</sup> naquela pessoa. Ou seja, a decisão final e/ou primordial quanto à identidade de gênero daquela pessoa não cabia a ela exclusivamente, mas ao dispositivo médico-psiquiátrico que atestava que ela tinha uma identidade “deslocada” e/ou não conforme à viabilidade inteligível de gêneros.

Esse é o dispositivo que, de alguma forma, ainda vigora em muitos países que já trabalham em torno de políticas públicas acerca de transexuais. Principalmente porque são baseados a partir do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM), um manual da Associação de Psiquiatria Norte-Americana, que norteia profissionais de todo o mundo e, em sua última versão (DSM-5), ainda trata a questão transexual como uma “disforia de gênero”. Algumas/alguns estudiosas/os, como a própria Berenice Bento, questionam fortemente essa consideração norte-americana por causa de sua frágil fundamentação objetiva. A autora evidencia que a produção científica em torno do que se chama “disforia” não se baseia em critérios sérios e objetivos, mas muitas vezes nas considerações subjetivas dos profissionais de saúde, geralmente produzidas a partir

---

<sup>8</sup> O termo “disforia de gênero”, batizando a transexualidade, foi utilizado em 1973, por Norman Fisk, para designá-la como um distúrbio de gênero, consagrando, ao mesmo tempo, a terapia de hormônios e a cirurgia como a escolha mais eficaz para a correção da inadequação do sexo (CASTEL, 2001). Tal utilização também abriu espaço para que documentos médicos oficiais posteriores, como os DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) se valessem dessa compreensão para a consideração do fenômeno transexual.





de preconceitos e discriminações<sup>9</sup>, e também por sua influência em outros países do mundo. Com isso, segundo elas/es, já existem mais de 100 organizações e quatro redes internacionais na América do Sul e do Norte, África, Ásia e Europa comprometidas na campanha pela retirada da transexualidade do DSM e da Classificação Internacional de Doenças<sup>10</sup> (SAMPAIO E COELHO, 2013). Sobre esta última, a CID-11 (*International Classification of Diseases 11th Revision*), lançada pela Organização Mundial de Saúde, em junho deste ano, já não contempla a transexualidade como transtorno mental, mas como “incongruência de gênero”, uma questão relativa à saúde sexual. Tal lançamento endossou o provimento n. 73, de 28 de junho de 2018, do Conselho Nacional de Justiça do Brasil, que resolve a alteração dos nomes das pessoas transexuais e travestis nos cartórios unicamente a partir de sua autonomia de identificação, ou seja, sem a necessidade de diagnósticos e/ou cirurgia de redesignação.

Porém, o Brasil não alcançou uma constituição cultural que despatologiza as pessoas trans e não é necessariamente esse o caminho que outros países estão tomando para si, principalmente porque a utilização das versões da CID fica a critério de cada país. Toda essa história patologizante da transexualidade nos confirma que a população trans foi assinalada com um estigma doentio opressor, a partir do qual não só os que não se identificam transexuais podem/querem dizer algo sobre os que são, mas também os/as próprios/as transexuais, obrigados à categorização médico-científica, formaram grande parte dos seus relatos pessoais a partir desse *modus operandi*. Ou seja, todo esse dispositivo da transexualidade representa não só um discurso externo que quer saber a verdade das/os transexuais como passa a ser também, simultaneamente, uma narrativa hegemônica interiorizada nas/os próprias/os transexuais para relatarem a si mesmas/os e se viabilizarem inteligivelmente na vida social.

Essa patologização também é uma violência que anda de mãos dadas com a indiferença social

---

<sup>9</sup> Para maior compreensão da crítica de Bento, ver a sua análise *A psiquiatrização das identidades trans no DSM-5: saúde, cidadania e o risco do pensamento colonizado* (2017).

<sup>10</sup> Com a CID-11 que considera a transexualidade como “incongruência de gênero” e a coloca como relativa à saúde sexual, a luta pela retirada da questão deste documento pode ganhar novos contornos. Até porque, como a própria Organização Mundial de Saúde se pronunciou durante o lançamento da CID-11, a “incongruência de gênero” permaneceu no documento, tendo em vista que em vários países, as políticas públicas de saúde para essas pessoas são fortemente fundamentadas a partir do documento. No Brasil, por exemplo, a retirada da transexualidade da CID pode ganhar posicionamentos paradoxais porque, enquanto é consenso sobre a necessidade de não se considerar a questão como doença, ao mesmo tempo, as cirurgias de redesignação de sexo e outros serviços são cobertos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) principalmente pelas orientações da OMS. Por isso, de algum modo, aqui, a manutenção na CID ainda se torna estratégica enquanto outros dispositivos, como o político e o jurídico, não conseguem garantir o acesso aos serviços de saúde dessas pessoas unicamente a partir de sua autodeterminação.



da cidadania de pessoas trans<sup>11</sup>. É violenta assim como foram os torturadores de Dandara e de tantas/os transexuais que padecem diariamente. A indiferença e/ou estigmatização institucional do Estado, quando não notifica uma violência de gênero pela sua especificidade, muitas vezes não apunhala diretamente a carne dessas pessoas, mas cria condições para que tantas barbáries sejam cometidas e pouco notificadas em sua real tipicidade. Essa história, porém, não precisa ser necessariamente uma luta vencida por um sistema social binário de determinação exclusiva de gêneros. Como Foucault (2017) defende, os dispositivos são formados de discursos que em si podem produzir poder como podem ser produzidos por ele:

Os discursos são como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo (FOUCAULT, 2017, p. 110).

Dessa forma, é pela própria experiência transexual dita e determinada, mas também particular de cada pessoa que a vivência, que a narrativa hegemônica excludente, pode ser desafiada e desestabilizada. É a própria existência transexual *per si* que é capaz de tensionar o sistema social de modo a alargá-lo e a torná-lo mais inclusivo a todas/os. E é sobre isso que trataremos a partir de agora.

#### 4 A violência do corpo

Considerando o que já foi abordado até aqui, entendemos que o crime de transfobia não só significa a violência do Estado omissivo e/ou lento e de alguns algozes ávidos pelo derramamento do sangue de corpos transviados, mas também traz à tona a fissura que o próprio corpo dissidente provoca no *status quo* criminoso. Ou seja, não foi só a indiferença institucional e os golpes sedentos de chutes, pauladas e insultos que violentaram Dandara dos Santos. Ela também enfrentou a inércia assassina do sistema social que categoriza, marginaliza e exclui tantas vidas julgadas como desimportantes. E tudo isso mediado explicitamente pelo seu corpo dissidente de travesti. Isso não quer dizer que estamos de alguma forma culpabilizando Dandara nem muito menos retirando nada do que seja a responsabilidade do Estado e dos criminosos envolvidos no assassinato dela. Estamos querendo provocar a reflexão de que as forças sociais não atuam de forma unicamente unilateral, e que a existência travesti de Dandara, por si mesma, causa uma desestabilização positiva da cultura

---

<sup>11</sup> Aqui vale ressaltar que o próprio conceito de cidadania precisa ser tensionado e remontado para pensarmos a possibilidade viável de existências consideradas dissidentes. Porém, preferimos não trazer essa discussão neste texto para não tergiversarmos das ideias-chave propostas.





hegemônica, no sentido de tensionar e provocar novos possíveis em relação às fronteiras que estão colocadas para o existir social.

Michel Foucault (2017), ao evidenciar o dispositivo social moderno do biopoder, identificou nele o corpo como um instrumento fundamental de controle da vida e de ação sobre ela. Assim, toda uma tecnologia de poder e saber age sobre os corpos e determinam aqueles que são viáveis, que se enquadram nas categorias postas como aceitáveis e, conseqüentemente, relega aos demais a subalternidade e abjeção. Estes corpos dissidentes das normas oficiais são tomados constantemente pela violência do sistema cisheteronormativo<sup>12</sup>, que os força a se encaixar nos papéis sociais atribuídos ao binário masculino/feminino. E fazem isso seja pela tecnologia médico-científica de diagnósticos e cirurgias corretivas, seja pela força bruta do *bullying* e de diversas formas de agressão.

O que abre espaço para toda essa violência é a interpelação que também está na base de toda relação interpessoal, mas que neste caso é efetivada a partir de um caráter invasivo determinante. A transfobia e outras fobias e formas de violência só se constroem pela relação que se tem com um outro em relação ao qual se tem medo (no sentido de uma possível identificação indesejada com esse outro), rejeição, abjeção. Todas essas violências, assim como também todos os outros tipos de afetos, só se exercem no plano da interpessoalidade. Como defende Judith Butler (2015), é na cena da interpelação que se pode fazer um relato sobre si mesmo e sobre o outro com o qual se relaciona, mesmo que esse outro não tenha nome, seja implícito ou indefinido. A interpelação, segundo a autora, é a condição fundamental de possibilidade existencial do eu, dado que este é constituído unicamente na sociabilidade que o excede. O eu e o tu estão intrinsecamente ligados em suas determinações existenciais. E a estranheza causada pela diferença do outro que me interpela pode, muitas vezes, me fazer reagir com violência, de modo a aniquilar essa diferença e/ou controlá-la, forçando-a a encaixar-se dentro de limites que me são minimamente aceitáveis.

A violência passa a existir quando a interpelação extrapola os limites do encontro de possibilidades e começa a invadir o relato do outro a partir de um dizer que é só do si mesmo. Quando se julga unilateralmente o outro e não se abre espaço para a possível multiplicidade do que ele pode ser, passa-se a agir por uma violência ética que, se levada a graus maiores, pode desembocar na força

---

<sup>12</sup> De acordo com Mattos e Cidade (2016, p. 134), a cisheteronormatividade é uma perspectiva “que tem a matriz heterossexual como base das relações de parentesco e a matriz cisgênera como organizadora das designações compulsórias e experiências das identidades de gênero; ambas produzindo efeitos que são naturalizados em nossa cultura, a partir da constituição de uma noção de normalidade em detrimento da condição de anormalidade, produzindo a abjeção e ocultamento de experiências transgressoras e subalternas”.



bruta de agressão e até de aniquilamento do outro. O julgamento é uma forma rápida pela qual se procura estabelecer uma distância ontológica entre o si mesmo e o outro, na forma de juiz e julgado (BUTLER, 2015). De modo a rejeitar e/ou categorizar o outro pelas suas ações, expurgando-o da interpelação simétrica. Perde-se, dessa forma, com o julgamento desmedido a possibilidade de um relato genuíno do próprio si mesmo, já que, como já dissemos, tanto o eu quanto o outro pertencem a uma sociabilidade maior e são por ela constituídos. Não há como fugir dessa relação coletiva, porém pode-se violá-la pela força da violência da condenação do outro.

Desse modo, ao condenar o outro que julgo ser merecedor do meu julgamento, também estou condenando o meu próprio relato de mim mesmo e, certamente, também, aspectos meus que reconheço no outro pela interpelação. Quando violentaram covardemente Dandara, certamente estavam a massacrar aspectos próprios de alguma maneira reconhecidos naquele corpo dissidente. E continuaram a violentar porque, servidores de um sistema binário que não os permite a transição e a dissidência, certamente se incomodaram com a sua própria incapacidade de se reconhecerem na transitividade da travesti.

A transexualidade, então, desafia os limites da compreensão das identidades e reclama a possibilidade de se pensar o impensável, o estigmatizado, o que não se encaixa nos ditames hegemônicos de gênero. O ser trans é transitividade imprevisível, sem estrada dada; caminho que se constrói. Não é algo a ser resolvido, adequado, recalculado. Para a existência trans, não é preciso o movimento de legitimidade pela volta à cartilha cisheteronormativa, através de uma medicalização necessária, nem tampouco a cura ou o apagamento dos corpos que reclamam por vida. É preciso, antes de tudo, ao contrário, respeitá-las/os e receber delas/es toda a plural possibilidade do devir que carregam consigo.

## 5. Considerações finais

Infelizmente, vivemos ainda uma realidade que precisa de uma barbárie, como o caso de Dandara dos Santos, para que seja exposta a crueldade da violência diária contra tantas/os que, de alguma forma, não se encaixam nos padrões estabelecidos pelos regimes de poder e que precisam viver arriscadamente suas identidades pessoais. A partir deste trabalho, pudemos entender que a produção teórica de algumas/alguns autoras/autores não está muito distante de uma leitura honesta sobre realidade que vivemos acerca da violência transfóbica. Com isso, é possível levarmos essa questão à universidade e aos centros de estudos, e fazer com que nós, estudantes e pesquisadores/as,



nos empenhemos na luta contra toda e qualquer violência de gênero. Assim, compreenderemos que o que produzimos em nossas salas e escritórios não precisa estar desligado (e não está, de modo algum) de uma incidência social concreta. Descobriremos, talvez, que também a dissociação entre teoria e prática resulta ilusória.

A experiência transexual evidencia que na violência transfóbica não há simplesmente uma relação entre um eu que detém um saber verdadeiro e um outro determinado. Há, na verdade, um conflito de reconhecimentos e de possibilidades de vida. Conflito esse que busca pela violência resolver-se da forma mais rápida possível. Como se identidades fossem algo a ser resolvido, dito e categorizado. Nessa relação difícil, a experiência trans escancara a multiplicidade do que podemos ser e deixa evidente que a humanidade não cabe em categorias rígidas e fixas. O corpo trans rompe com o sistema inteligível de gêneros, em termos de desestabilização, e é violentamente aniquilado pela contrapartida do próprio sistema que se sente fundamentalmente ameaçado. São dois ataques, dois modos diametralmente opostos em suas funções. Por um lado, a força do existir trans, que só se constitui como tal pela limitada realidade da hegemonia cisheteronormativa e que, por si, intenta produzir pluralidades e novas perspectivas de vida. E, por outro, a violência que é arma da própria hegemonia ameaçada pela verdade do existir transexual, que mata e que desonestamente se move pelo sedento desejo de aniquilar a diferença.

Talvez a liberdade performática de Dandara incomodou, de alguma forma, um desejo libertário escondido nos seus próprios alçózes, do qual eles, por força do cisheterossexismo brutal, não podiam desfrutar. Com isso, tentaram expurgar o que em si era latente através da tortura ao corpo da travesti. Tentaram compensar o que escondem e/ou desejam com xingamentos e agressões, e encontraram no corpo diferente o lugar privilegiado para essa atuação. Aqui, a própria questão trans nos desafia a pensar diferente, a considerar afetos que não se coadunam. Podemos, como fizemos, até considerar a força do biopoder corporal que se impõe e do qual não se pode prescindir na vida social. Porém, precisamos entender se privilegiamos a força da diferença que explode a cada momento de humanidade ou se preferimos aprisionar o que podemos de humanidade em limites estreitos e defasados que não suportam transitoriedade. Para sermos justos com tantas vidas trans que sofreram/sofrem/sofrerão todos os dias, precisamos levar em conta, neste caso, que a derrocada da hegemonia é necessária. E que esta não pode e não precisa ser capitaneada pela morte de tantas pessoas que simplesmente querem existir como se sentem bem. Numa política democrática dos corpos e das vidas, isso não pode ser mais tolerado.



## Referências

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. *Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017*. Disponível em: <<https://bit.ly/2CNO9fY>>. Acesso em 18 ago 2018.

ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. Transexualidade e movimento transgênero na perspectiva da diáspora queer. In: *Anais do V Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH*, 2010, Natal. Disponível em: <<https://bit.ly/2B0mc72>>. Acesso em 2 jun 2018.

BENTO, Berenice. *A psiquiatrização das identidades trans no DSM-5: saúde, cidadania e o risco do pensamento colonizado*. Análise. Disponível em: <<https://bit.ly/2qJIHs6>>. Acesso em 10 maio 2018.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CASTEL, Pierre-Henri. Algumas reflexões para estabelecer a cronologia “fenômeno transexual” (1910-1995). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 77- 111. 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor, 2012.

MATTOS, Amana Rocha; CIDADE, Maria Luiza R. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. *Periódicus*, Salvador, n. 5, v. 1, p. 132 – 153, maio-out. 2016.

SAMPAIO, L.L.P.; COELHO, M.T.A.D. *A transexualidade na atualidade: discurso científico, político e histórias de vida*. In: *Anais do III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*. Salvador: UNEB, 2013.

SCHILT, Kristen. Transsexual. In: O'BRIEN, Jodi (org.). *Encyclopedia of Gender and Society*. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2009.

SUESS, Aimar. Análisis del panorama discursivo alrededor de la despatologización trans: procesos de transformación de los marcos interpretativos en diferentes campos sociales. In: MISSÉ, Miquel; COLL-PLANAS, Gerard (ed.). *El género desordenado – críticas en torno a la patologización de la transexualidad*. Barcelona-Madrid: Egales, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *ICD-11*. Disponível em: <<https://bit.ly/1m0RSdq>>. Acesso em 19 ago 2018.

## Referências eletrônicas das notas 2 e 4

AGÊNCIA ESTADO. *Após vídeo, assassinos de travesti são capturados pela polícia do Ceará*. Diário de Pernambuco. Disponível em: <<https://bit.ly/2lA1JzA>>. Acesso em 15 abr 2018.

G1 CE. *Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário*. Disponível em: <<https://glo.bo/2mh5RBJ>>. Acesso em 15 maio 2018.

G1 CE. *Polícia investiga homicídio de travesti que foi espancada até a morte no CE*. Disponível em: <<https://glo.bo/2mZDerV>>. Acesso em 16 maio 2017.

G1 CE. *'Momento de desespero e choro', diz mãe da travesti Dandara, morta no CE*. Disponível em: <<https://glo.bo/2PRZYfx>>. Acesso em 16 maio 2017.

HUFFPOST BRASIL. *'Minha maior dor é que ele chamou por mim', diz mãe de Dandara, a travesti morta de forma brutal*. Disponível em: <<https://bit.ly/2FiRkmp>>. Acesso em 16 abr 2017.



HUFFPOST BRASIL. *Nosso luto por Dandara, a travesti torturada e morta por 5 homens em Fortaleza*. Disponível em: <<https://bit.ly/2mbGEug>>. Acesso em 10 abr 2017.

LAVOR, Thays. *‘Meu filho foi morto por preconceito’, diz mãe de travesti espancada no Ceará*. BBC Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/2RVeX63>>. Acesso em 13 abr 2017.

NLUCON. *Quem era Dandara dos Santos, a travesti que mostrou a cara da transfobia no Brasil ao mundo*. Disponível em: <<https://bit.ly/2PoHkMX>>. Acesso em 16 maio 2017.

OPOVO. *Morte de Dandara: foram pelo menos três sessões de tortura*. Disponível em: <<https://bit.ly/2PnZka5>>. Acesso em 16 maio 2017.

OPOVO. *Travesti é espancada até a morte no Bom Jardim*. Disponível em: <<https://bit.ly/2mqNZab>>. Acesso em 16 maio 2017.

UOL. *Como a repercussão de um vídeo evitou a impunidade de um crime brutal contra uma trans*. Disponível em: <<https://bit.ly/2mFtsyI>>. Acesso em 15 abr 2017.

